

Abertura da UMa aos países de língua portuguesa: O caso da Inovação Pedagógica no Brasil

Analisados, em edição anterior deste semanário, os fundamentos teóricos que estiveram na origem da criação do curso de Mestrado em Educação, na área da Inovação Pedagógica, actualmente frequentado por cerca de 40 alunos (duas turmas), na Universidade da Madeira, gostaria agora de dar a conhecer um pouco do processo de disseminação desta área científica, ao nível de um país tão imenso como o Brasil.

JESUS MARIA SOUSA

Professora Universitária



A caminho do Brasil profundo.

É preciso sentir o "clima"!

Com cinco deslocações realizadas em apenas um ano, esta ideia ficou ainda mais clara na minha última viagem ao Brasil, mais concretamente aquando do percurso entre Ilhéus e Ibicarai, uma das cidades onde a UMa tem trabalhado. Nasceu, de facto, esta ideia à medida que ia penetrando no país profundo, às primeiras horas da manhã, passando por Itabuna e Itapé, sempre ao longo do Rio Cachoeira, onde garças elegantes se punham de atalaia à espera do peixe mais canastrão.

Sentada no banco de trás de um Fiat Mille (Uno), meio desconjuntado e sem ar condicionado, com o computador portátil perto de mim, era fácil deixar-me envolver pelo bafo quente e húmido do sertão, ao mesmo tempo que me extasiava perante uma densa vegetação virgem e luxuriante, de quando em quando perpassada por gado a pastar ou a ser indolentemente conduzido por vaqueiros, ao som do aboio (toada/melodia lenta, adaptada à marcha dos bois), enquanto urubus agoi-reiros, enfileiramente espe-

cados em fios de iluminação, aguardavam pacientemente por carcaças junto de mata-douros, nos arredores.

À aproximação de pequenas localidades, ladeavam a estrada habitações periclitantes dos sem-terra, cobertas de plástico, quase a par e passo de fazendas imponentes, a perder de vista, dos "senhores do gado". Com a economia voltada, outrora, para o cacau, como atestam as fábricas de Ilhéus e as histórias de coronéis que ainda enchem o nosso imaginário, a partir de Jorge Amado, a doença da "vassourinha de bruxa" acabou por dizimar esta fonte de riqueza da região. Mas hoje, como dantes, continuam a ser gritantes, a olhos nus, as desigualdades sociais desta gente que não deixa, no entanto, de sorrir e de sambar, de tomar o seu "chopp" e de contar anedotas de portugueses.

O regresso de Ibicarai a Ilhéus, ao fim do dia, tornava tudo ainda mais fantástico: o prazer arrepiante de se sentir só com a natureza, ainda mais cerrada pela escuridão. Estaria eu em África? Que apelo tão forte era esse que fazia em mim brotar uma confusão de sensações, gostos e chei-

ros, hermeticamente fechados e deixados lá para trás? O que me fazia correr por essas paragens distantes e ao mesmo tempo tão próximas?

O que está a Universidade da Madeira a fazer no Brasil?

I. AS NOSSAS MOTIVAÇÕES

Uma proposta da Reitoria da UMa

Em finais de 2003, o Departamento de Ciências da Educação (DCE) foi desafiado pelo então Reitor da UMa, Prof. Doutor Rúben Capela, a ponderar uma hipótese de cooperação com o Brasil, através do UNIB - Instituto Internacional Universitário do Brasil - uma instituição brasileira vocacionada para a administração e promoção de cursos, seminários e outros eventos, que funcionaria como um "campus" avançado relativamente à Universidade da Madeira. Com base num protocolo de cooperação então assinado pela reitoria da UMa e o UNIB, a Comissão Científica do DCE começou desde logo a trabalhar a viabilidade da sua intervenção, através da realização de

Ciclos de Seminários Preparatórios para o Acesso a Mestrados e Doutoramentos nas suas áreas científicas.

Espírito universalista nos Estatutos da UMa

De facto, na linha do espírito universalista que deve ser apanágio de qualquer universidade que se preze, os Estatutos da UMa não podiam deixar de preconizar, como sua missão, os fins seguintes:

A formação humana, ao mais alto nível, nos seus aspectos cultural, científico, artístico, técnico e profissional;

A realização da investigação fundamental, investigação aplicada e desenvolvimento experimental;

O intercâmbio cultural, científico e técnico com instituições congéneres nacionais e estrangeiras;

A prestação de serviços à comunidade numa perspectiva de valorização recíproca, com especial atenção para a região em que se integra;

A contribuição, no seu âmbito de actividade, para a cooperação internacional e para a aproximação entre os povos, nomeadamente os de

expressão portuguesa e os dos países europeus.

Como vemos, qualquer um dos objectivos enunciados dava-nos, sem margem para dúvidas, o enquadramento teleológico necessário para a actividade que nos propúnhamos desenvolver. Vejamos porquê.

1. Ao nível da formação científica

Podíamos, de facto, colaborar na formação de quadros superiores em educação, num País extremamente carente a esse nível, uma vez que as suas universidades federais e estaduais não conseguem dar resposta à imensidão de pedidos de formação, inclusive do seu corpo docente. Não nos esqueçamos que, por muitas universidades que existam, o Brasil conta com 182 milhões de pessoas (segundo a Revisão 2004 da projecção populacional do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o que leva a que muitos licenciados seus busquem uma formação pós-graduada nos países vizinhos de língua castelhana, nomeadamente, Argentina, Chile, Cuba, Peru e Paraguai. Na realidade, con-

tamos entre os nossos alunos, directores de Faculdades, vereadores, deputados e até um Secretário de Educação dum Estado, cuja área é quase 3,5 vezes maior que a de Portugal.

2. Ao nível da realização de investigação

Podíamos, também, propiciar condições para a realização de investigação conducente ao Mestrado e ao Doutoramento (Doutorado, como aí se diz), através da leccionação, com igual carga horária, do mesmíssimo desenho curricular implementado na nossa universidade. É que, terminada a parte curricular com êxito e média adequada (14 valores para o Mestrado, e 16 valores para o Doutorado), os alunos terão de redigir o seu projecto de investigação, que será discutido e aprovado pela Comissão Científica do DCE, na presença dos candidatos que se deslocarão à Madeira para esse último Seminário de Investigação. A partir daí, os seus projectos serão acompanhados por Doutores brasileiros (eventualmente em co-orientação com os Doutores da UMA) até à sua defesa final, que terá igualmente lugar na Universidade da Madeira.

3. Ao nível do intercâmbio cultural, científico e técnico

Podíamos, igualmente, estabelecer um verdadeiro intercâmbio cultural, científico e técnico, a partir não só da nossa imersão no mundo académico brasileiro, de cada vez que aí nos dirigíssemos, como por via da deslocação à Madeira dos alunos para o último Seminário de Investigação e possivelmente também de professores do Brasil para a defesa de dissertação ou de tese, conforme fosse o caso de Mestrado ou Doutorado. Sempre foi nossa convicção que os alunos brasileiros teriam necessariamente de conhecer a “Ilha da Madeira”, de conhecer a sua Universidade, e de senti-la, pois será ela a lhes dar o grau de Mestre ou de Doutor, em condições de exigência absolutamente iguais às dos seus colegas portugueses. Seria importante, por isso, que frequentassem a sua biblioteca, a sua cantina, os seus espaços, e que interagissem com os colegas da Madeira...

Por outro lado, tal como para o Mestrado aqui a funcionar, fomos buscar a colaboração de professores estrangeiros de língua inglesa, caste-



A favela às portas da grande cidade (S. Luís - Maranhão).



Boiada.



Brasil bucólico.



Sem terra.

lhana e francesa, numa abertura para o novo espaço europeu, também neste caso, para o desenho desta cooperação com o Brasil, para além dos recursos que nos são próprios (Prof. Carlos Nogueira Fino, Coordenador Científico dos Seminários do Brasil, a leccionar Tecnologia e Pedagogia Construtivista, Prof^a Christine Escallier, a leccionar Antropologia Cultural, Prof. João Nelson Veríssimo, os Paradigmas Educativos, e eu própria, com o “Scenario Planning” em Educação), seleccionámos quatro professores de prestigiadas universidades brasileiras que, no âmbito da sua autonomia, construíram os seus programas, em diálogo connosco, e a partir das sinopses descritas em edição anterior do Tribuna da Madeira, nos casos particulares das Correntes Críticas do Currículo, da Investigação Etnográfica em Educação, do Pensamento Pedagógico Contemporâneo e da Avaliação do Software Educativo. Pode-se, facilmente, imaginar a riqueza que advém destas sinergias, se pensarmos na possibilidade de se estabelecerem redes de trabalho entre os Professores brasileiros e os europeus que connosco trabalham, nas mesmas disciplinas, sendo nós os mediadores desta cooperação.

4. Ao nível da prestação de serviços à comunidade

Sabendo nós que o Brasil foi, num passado não muito distante, um dos maiores países acolhedores da emigração madeirense, não podíamos ficar insensíveis à possibilidade de darmos o nosso (pequeno) contributo para a afirmação de bolsas geográficas por vezes esquecidas, como são os casos de São Luís do Maranhão (no Nordeste), e de Ibicará (no interior, a hora e meia de carro desde Ilhéus), tal como a de conhecermos mais profundamente outras duas grandes cidades, provavelmente mais cosmopolitas, como Brasília e Salvador da Baía. Estrategicamente, ou não, tivemos a felicidade de desenvolver esta experiência, focalizados em quatro pólos totalmente distintos uns dos outros, que nos proporcionam uma visão menos parcelar deste país enorme que é o Brasil.

5. Ao nível da cooperação internacional com um país de expressão portuguesa

A possibilidade de abertura a um outro mundo do outro



Brasil Brasil.



Exuberância (Bataclã em Ilhéus).

lado do Atlântico, permitindo uma verdadeira interação entre culturas diversas, num clima de diálogo e respeito pelas identidades próprias de cada um dos dois povos irmãos, constituiu também, desde logo, para todos nós, uma grande motivação. De facto, após trabalho aturado em redes de língua inglesa (ATEE – Association for Teacher Education in Europe e ISTE – International Society for Teacher Education) e língua francesa (AFIRSE – Association Francophone Internationale de Recherche en Sciences de l'Education), tínhamos agora a possibilidade de retornar à nossa própria língua, num espaço que contempla os tais milhões de falantes. “A minha Pátria é a Língua Portuguesa”, já dizia Fernando Pessoa.

II. MONTANDO O PROCESSO

Porquê a Inovação Pedagógica?

Das várias ofertas que o DCE podia fazer, a Inovação Pedagógica foi por nós eleita como a área científica em que se devia apostar, por várias razões: por surgir num momento em que persiste um olhar de desconfiança sobre a escola; por pretender a mudança na educação; por não ser uma importação das demais universidades portuguesas; por ser uma área científica ainda única no País; em suma, por ter mais a ver connosco, uma vez que o seu desenho curricular segue absolutamente as nossas convicções pedagógicas. Curiosamente, foi também a área que mais atraiu os potenciais candidatos brasileiros, nas pri-

meiras sondagens realizadas. Como olhar para a educação de uma forma crítica e objetiva, e não apenas como o bode expiatório de políticas sociais pouco conseguidas?

O que são os Seminários de Acesso?

Delimitada, assim, a área de intervenção como sendo de Inovação Pedagógica, passou-se ao desenho do regulamento dos Seminários de Acesso ao Mestrado e ao Doutorado. Correspondendo os Seminários de Acesso ao conceito de Disciplina aqui leccionada, vimos que eles seriam oito, tal como na Madeira são oito as Disciplinas, comportando cada um a mesma carga horária de 30 horas, só que distribuídas por dois blocos de 15, a serem leccionados num espaço mais ou menos de dois meses. Quatro Professores portugueses e quatro brasileiros são, como atrás vimos, os responsáveis por cada um dos Seminários que se desenrolam ao longo de dezoito meses, culminando com um último (o nono) a ter lugar, ao longo de uma semana, na Universidade da Madeira, onde serão aprovados os Projectos de Investigação de cada um.

Quando passam a ser alunos da UMA?

Só nesse momento, passam esses alunos a serem alunos da Universidade da Madeira, a partir da concessão de equivalência dos conteúdos dos Seminários realizados no Brasil à parte curricular do Mestrado ou Doutorado. Se, em princípio é certo que a equivalência será assegurada, uma vez que é o mesmo desenho

curricular, com programas aferidos na nossa Comissão Científica, tal não significa, no entanto, que isso dará acesso “tout court” à matrícula no Mestrado ou no Doutorado na UMA. Só o poderão fazer os alunos que obtenham uma média final dos trabalhos realizados igual ou superior a 14 valores, nos Seminários de Acesso ao Mestrado, e 16 valores, nos de Acesso ao Doutorado.

Acesso aos Seminários de Mestrado

Esse mesmo rigor é logo no início imprimido, ao nível dos processos de admissão aos Seminários. Assim, tal como em Portugal, apenas são admitidos à candidatura os titulares de uma graduação em Educação (por exemplo, Educação de Infância, Ensino, Pedagogia, Educação Especial, Ciências da Educação, etc.) com a média final mínima de 8, no caso do Mestrado. Não nos esqueçamos que a escala no Brasil vai de 0 a 10. Excepcionalmente, em casos devidamente justificados e mediante parecer favorável da Comissão Científica do Departamento de Ciências da Educação, poderão ser admitidas qualificações com média final inferior a 8, desde que o respectivo currículo demonstre uma adequada preparação científica e pedagógica de base.

Acesso aos Seminários de Doutorado

Para a admissão aos Seminários de Acesso ao Doutorado, é requisito a detenção de um Mestrado em Educação, abrindo-se, no entanto, a

hipótese de frequência a titulares de uma graduação com média final de 9 e currículo relevante. Para essa análise, são tidos em conta outros elementos curriculares, como a participação em projectos de investigação ou inovação pedagógica, a experiência docente, as publicações e comunicações, as funções desempenhadas na escola e a participação em acções de formação.

III. AINDA NO DECURSO DA EXPERIÊNCIA: AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Sendo ainda prematuro fazer um balanço mais sólido, pois os Seminários ainda decorrem, sempre sujeitos a situações imprevistas, de última hora, com ainda imensos pormenores por afinar, penso que é possível mesmo assim retirar algumas primeiras impressões que mais me marcaram.

A afectividade brasileira

Em primeiro lugar, saliento o aspecto humano desta experiência. Os nossos alunos brasileiros são extremamente afectuosos, próximos e calorosos. A proximidade que se estabelece entre pessoas que quase não se conhecem evoca-me o calor de outras paragens... É a aluna que, no Maranhão, me oferece um colar de hematite, outra que, em Brasília, me traz pulseiras e brincos feitos pelos Índios dos Tocantins, com quem trabalha, o aluno que, em Salvador, me oferece uma cachaca, ou um outro, uma boneca baiana, a aluna que, em Ibi-

cará, me dá um livro, propositadamente comprado devido a uma discussão ocorrida na aula da véspera, os alunos que se juntam para me darem uma bolsa artesanal, ou os que se organizam para termos o último almoço todos juntos... São os discursos inflamados de despedida, carregados de emoção... Isto é, a afectividade transborda nas relações com os alunos.

Espírito de sacrifício e vontade férrea de aprender

Por outro lado, já deu para perceber como é importante para eles a intervenção da Universidade da Madeira, face à ausência quase total de meios para avançar nos seus postos de trabalho. É esse reconhecimento constante pela oportunidade que lhes levamos de se promoverem como pessoas, que me leva a acreditar que, afinal, somos mesmo capazes de ser úteis, e de estarmos, de facto, a exercer uma missão verdadeiramente social.

As quatro cidades onde estamos, neste momento, a trabalhar funcionam como pólos para um raio de centenas de quilómetros de onde provêm os nossos alunos, com todo o tipo de sacrifício de ordem familiar e económica que as deslocações lhes acarretam. Temos alunos de Recife que apanham o avião até Salvador para estarem connosco, como outros, de Minas que se organizam em grupo para se meterem num carro e fazerem 22 horas de 1370 quilómetros de estrada (que não são como as nossas), para assistir às nossas aulas, e mais outras 22 de regresso. É que, tal como cá, o regime de fre-



Actividades lectivas em Salvador.

quência aos Seminários obriga a um cumprimento de 75% das aulas dadas, não sendo absolutamente este, portanto, um curso por correspondência. É por isso que nos merecemos o maior respeito e a maior consideração o sacrifício e o empenhamento que evidenciam.

Condições de vida nem sempre favoráveis

Por outro lado, apercebe-se rapidamente que a vida não é nada fácil para estes alunos, a maior parte deles professores, que auferem salários bastante baixos, relativamente aos praticados na Europa (o que os obriga ao pluri-emprego), com poucas condições de trabalho, muitos deles com dificuldades de acesso à Internet. Pois, da mesma forma que para os alunos de cá, também o material de apoio para o Brasil (programas, documentos para discussão, textos, power-points, etc.) se encontra no "site" pessoal de cada docente.

Criatividade

Falando em concreto do Seminário de que sou responsável, que contempla uma parte prática relacionada com o desenho de uma educação para o futuro, é de assinalar a capacidade de improvisação destes alunos de cenários absolutamente inovadores, com os poucos recursos disponíveis. Quer as sessões decorram em faculdades ou em salas de trabalho alugadas em hotéis, são capazes de mobilizar o pessoal que aí trabalha, fazendo uso do material que existe apenas no próprio local. É notável o processo de criação quer de poemas, jogos, canções ou dramatiza-

ções, quase em cima do acontecimento. São alunos que, perante desafios complexos, se transfiguram, pondo toda a sua criatividade a funcionar.

Poder de comunicação

Não é segredo nenhum que os brasileiros, e neste caso, os nossos alunos, gozam de enorme facilidade de comunicação. Sendo bastante expressivos, trazem para as aulas o seu trabalho de terreno, as suas experiências de vida, num processo constante de associação da teoria à prática, levantando questões e clarificando conceitos, nem que para isso seja necessário criar novas palavras. Os nossos alunos brasileiros não temem a

renovação da linguagem, desde que ela sirva os fins da comunicação.

Menor disciplina mental

Por outro lado, falta-lhes, por vezes, uma certa concentração e disciplina na argumentação, algo que, em princípio, os Seminários procurarão treinar. A capacidade de comunicação, atrás apresentada como deveras positiva, pode também ser contraproducente quando o magnetismo das palavras conduz o raciocínio para fora das fronteiras do que está a ser discutido. Disciplina também não é o seu forte, no que se refere à pontualidade e ao cumpri-

mento de prazos de entrega de trabalhos. Para isso, estamos cá nós, numa luta permanente, principalmente no início do Ciclo, até compreenderem que não existe da nossa parte qualquer permissividade a esse respeito.

IV. CONCLUSÕES

A marca da Universidade da Madeira no Brasil

Existe, sim, um sonho: a possibilidade de a Universidade da Madeira marcar uma geração de investigadores em Educação no Brasil. Assim como muitos de nós, portugueses, há duas décadas atrás, não podíamos contar com o

apoio de orientadores nacionais para as dissertações de mestrado ou teses de doutoramento, e tivemos, por isso, de partir para outras paragens que, de certa forma, ainda hoje nos marcam, como foram os casos dos Mestrados de Bóston e os DEA e os Doctorat de Caen (o meu caso, em particular, que tive de partir para a França para realizar o meu doutoramento), também, agora, tem a Universidade da Madeira nas suas mãos a oportunidade única de imprimir a sua marca nos jovens e menos jovens que, no Brasil, se preparam para a incomensurável tarefa de pôr a educação a puxar pelo desenvolvimento do seu país.

Não há semana que passe que não recebamos pedidos de abertura de cursos, e de propostas de cooperação, vindos de universidades brasileiras, estaduais e federais, faculdades e centros de educação, privados e públicos, como resultado do trabalho sério e consciencioso que, sem falsa modéstia, temos vindo a desenvolver no Brasil. Como há tanto por fazer ainda! E como sentimos que somos capazes!!!

Porque não África?

Precisamos apenas de ter saúde e força física para prosseguir. Porque motivação, força moral e coesão, elas persistem neste pequeno grupo do DCE que, dentro da Universidade da Madeira, continua a acreditar que vale a pena lutar pelos interesses superiores da formação científica, da investigação, do intercâmbio cultural, da prestação de serviços à "aldeia global" e da cooperação internacional.

É que já temos os olhos virados para a África... É a etapa que se segue! ♦



Brasília como inovação.